

TEORIA DOS CAMPOS LEXICAIS

Maria das Neves Alcântara de Pontes

Universidade Federal da Paraíba

“El significado de cada palabra depende del significado de sus vecinas conceptuales. Todas se unem en la tarea de introducir límites diferenciadores en el bloque del contenido, inarticulado de la conciencia, de organizarlo y harcelo inteligible conceptualmente”.

(Ipsen, 1924)

Resumo

A teoria dos campos lexicais constitui um dos caminhos metodológicos para se estudar o vocabulário de uma língua, sendo tais estudos, reconhecidamente, considerados como método válido na organização, explicação e descrição das estruturas semânticas de recortes do léxico, tomados como objeto de análise. Esse modo de articulação do léxico em campos lexicais recebeu denominações diversas, conforme o ponto de vista de análise e o interesse de seus autores. E entre essas denominações citamos: campo semântico, utilizada por Ipsen, Jolles e Porzig. Weisgerber fala dos campos léxicos. O próprio Trier evita o termo campo semântico, estabelecendo a diferença entre campo lexical e campo nocional. Charles Bally trabalha com a denominação campo associativo. Pierre Guiraud introduz campos morfossemânticos e Matoré propõe os campos nocionais. A variação terminológica e até mesmo conceitual que envolve esses estudos exige que se escolha aquela que, para nós, melhor se ajuste aos objetivos desta pesquisa.

Palavras-chave: Léxico / Campos Lexicais

O presente trabalho tem como propósito estudar o léxico numa perspectiva sociocultural, em que serão analisados os componentes lingüísticos e não-lingüísticos, isto é, o mundo de experiência do falante, o contexto, a realidade em que vive, para se chegar à significação da palavra. Escolhemos, assim, a denominação de **campo léxico-semântico**, que procura atender tanto à noção de **campo lexical**, quanto à de **campo semântico**. Preferimos associar os dois conceitos por se considerar o princípio da necessidade do contexto na especificação do significado e, também, por considerarmos que **léxico-semântico** refere-se ao conjunto de lexemas que reúne semas comuns, observando-se suas relações com elementos extralingüísticos e estabelecendo uma relação de significado. Procura-se, assim, analisar as palavras lexicais, traduzindo aspectos do ambiente físico, social e cultural da obra em questão, os quais se refletem no léxico regional, considerando-se o contexto em que estão inseridas.

A noção de campo lexical remonta a povos antigos, sobretudo a filósofos gregos, dentre os quais se destacam Demócrito e Aristóteles. Já naquele tempo, se nota uma orientação para uma Semântica Estrutural, como se pode ver nas obras de K. W. L. Heyse (1856), E. Tegner (1874), R. M. Meyer (1910), Ferdinand de Saussure (1916), G. Ipsen (1924), Jost Trier (1931), A. Jolles (1934), W. Porzig (1934) e W. von Humboldt (1936).

É especialmente a partir de especulações de Humboldt que a concepção de campo se desenvolveu, ganhando maior relevo em nosso século.

Em 1856, quando se deu a publicação de uma pesquisa sobre a análise do campo lexical do vocabulário alemão, K. W. L. Heyse dá início aos estudos nessa esfera do conhecimento humano. Em 1924, G. Ipsen apresentava o termo **campo semântico**, para

designar esse tipo de estudo. Deve-se a ele a primeira idéia explicitamente formulada a respeito de **campo**. Em 1931, Jost Trier apoiado em estudos anteriores, tais como nas idéias de sistema, de valor e de paradigma existentes na língua, bem como no princípio da solidariedade entre as palavras - a noção de **Rede Associativa** desenvolvidos por Ferdinand de Saussure e ainda na idéia de articulação de Humboldt. Todos contribuíram largamente para os estudos da Semântica Lexical.

A definição de **campo** apresentada por Trier considera que os conceitos cobrem todo o âmbito do real, constituindo, assim, realidades vivas intermediárias entre as palavras (isoladas) e a totalidade do vocabulário, salientando-se a importância do contexto para o significado.

É essa idéia que é, hoje, difundida em, praticamente, todos os manuais que tratam do assunto. Lehrer¹ (1974) aprofundando mais a definição apresentada por Trier considera que “*é um grupo de palavras estreitamente relacionadas entre si, pelo significado, geralmente resumidas por um termo geral*”. (Apud Gládis K. Rehfeldt, 1980:91)

O estudioso Stephen Ulmann², em suas investigações sobre Semântica, faz referências às pesquisas sobre a organização e sistematização do vocabulário, estruturadas em três planos: o das palavras isoladas, o das esferas conceptuais e o do vocabulário como um todo.

A esse respeito, considera ele que:

“Trier elaborou a sua concepção dos campos como sectores estreitamente entrelaçados do vocabulário, no qual uma esfera particular está dividida, classificada e organizada de tal modo que cada elemento contribui para delimitar os seus vizinhos e é por eles delimitados”. (1964:510-1)

A noção de **campo semântico** estabelecida pelo filósofo alemão Jost Trier, como se percebe, é uma teoria bem aceita pelos estudiosos do assunto e tem como precursor o filósofo Herder (1770) cujas idéias foram desenvolvidas por Wilhelm von Humboldt, servindo de diretrizes não só para Trier como para Leo Weisgerber.

Nos trabalhos de Trier é patente a profunda influência das idéias humboldtianas sobre sua concepção de **língua** e de **campo**. Com certeza, pode-se afirmar que a concepção lingüística de W. von Humboldt constitui o nexa fundamental entre J. Trier e Leo Weisgerber. Considera-se, então, que o elo existente entre eles são as idéias de Humboldt, de que ambos comungam, constituindo, assim, o fundamento do **campo trieriano**.

Observemos o que afirma Trier³: “*La articulación es la característica esencial más general y más profunda de toda lengua*”. (Trier, apud Geckeler, 1976:113)

Como se observa, em seus estudos, Trier fundamentou-se na sistematização dessa teoria, nos posicionamentos de Saussure, Humboldt e Leo Weisgerber. Por isso, as idéias de **totalidade**, **estrutura** e **articulação** são os pontos basilares e relevantes da teoria dos campos. (Cf, Trier, *ibidem*, p. 117-8)

A pesquisa dos estudos relativos aos **campos semânticos** sugere ser essa teoria um dos mecanismos que melhor se adequam à estruturação e investigação do léxico, contribuindo, consideravelmente, para o desenvolvimento da Semântica Léxica Moderna.

Humboldt fundamenta-se no princípio da **articulação**, considerando que as palavras de uma língua formam uma **globalidade articulada**, que o sistema integrado de vocábulos está interligado pelo sentido, formando determinados domínios parciais, subordinando-se ao todo. Demonstra, ainda, que o vocabulário de uma comunidade lingüística pode ser estruturado de acordo com o sentido expresso através de um entrelaçamento de elementos que possuem algo em comum.

Vejamos o que diz Trier⁴ em torno dos campos:

“Campos son las realidades lingüísticas vivas, situadas entre las palabras individuales y el conjunto del vocabulario, que, en cuanto totalidades parciales, tienen como característica comum com la palabra el articularse y, con el vocabulario, el organizarse.” (Trier, apud Geckeler, 1976:123)

Para Trier, o estudo concernente à segmentação da linguagem em campos constitui uma das maiores contribuições à Teoria do Significado. Apesar de não se usar de exatidão e clareza, na sua nomenclatura, foi Trier o responsável pelo progresso significativo dos estudos léxicos e, tema que se constitui, hoje, em importante marco para a Semântica Moderna. Suas colocações, na formulação e sistematização da **teoria dos campos** estimularam numerosas investigações posteriores e têm o mérito de formular uma teoria que vem sendo aplicada aos estudos do campo lexical.

Já recentemente, Eugene Nida⁵ (1975) afirma que, para qualquer língua, um **campo semântico** consta de significados que possuem traços semânticos em comum. Em suas análises, considera que o tamanho de um campo, sua relevância e o nível da estrutura hierárquica em que funciona dependem, exclusivamente, da estrutura da língua, na sua forma globalizada. (Apud Gládis Knak Rehfeldt, 1980:91)

No prosseguimento dos estudos relativos aos **campos semânticos**, é notória a importância do lingüista francês Georges Matoré que, numa orientação semelhante à de Trier, confere uma visão nova ao conceito de **campo**, atribuindo uma maior importância aos critérios sociais. Em seus estudos, observando os diferentes estados de língua, Matoré⁶ consegue detectar a presença de palavras novas dentro da comunidade, como marco de alguma inovação surgida. Os vocábulos, denominados por ele - **palavras testemunha**, ocupam um papel de destaque; marcam, por sua vez, a existência de um campo nocional, que retrata a sociedade de uma determinada época. Para ele, *“a palavra analisa e objetiva o pensamento individual, tendo um valor coletivo: há uma sociabilidade própria da língua”*.(1953:37)

Assim entendida, a palavra deveria ser estudada dentro de conjuntos, classificados hierarquicamente, partindo de uma análise das estruturas sociais. Daí entender-se a relação **língua-cultura-sociedade** formando um todo indissociável que não é ensinado, senão adquirido nas experiências de mundo e nas situações ou acontecimentos do dia-a-dia.

Como se percebe, para Matoré, as palavras não deveriam ser estudadas isoladamente, mas em conjunto, formando **campos nocionais**, cuja importância está bem definida nas idéias de Ulmann⁷.

Observemos:

“Um campo semântico não reflete apenas as idéias, os valores e as perspectivas da sociedade contemporânea; cristaliza-as e perpetua-as também; transmite às gerações vindouras uma análise já elaborada de experiência através da qual será visto o mundo, até que a análise se torne tão palpavelmente inadequada e antiquada que todo o campo tenha que ser refeito.” (1964:523)

Estudiosos outros, como Ipsen, Porzig, Jolles constituem nomes que devem ser também mencionados entre os que se preocuparam com as pesquisas e estudos em torno da teoria dos campos semânticos.

Porzig (1934) apresenta investigações posteriores a Trier, e sua concepção de campo está fundamentada a partir de relações de oposição que unem sintagmas. Para ele, os sintagmas se agrupam através de relações essenciais de significados que ocorrem, tanto no eixo das relações sintagmáticas, como no eixo das relações paradigmáticas. Porzig chama a

atenção para as relações semânticas entre os grupos e as denomina de **relações semânticas essenciais**. Verifica-se, assim, que o posicionamento de Porzig diverge da concepção de Trier, visto que este considera, como já se disse, os campos uma globalidade articulada, uma estrutura em que as palavras constroem campos parciais e estes, por sua vez, subordinam-se ao todo e essa organização tem por base o nível das relações paradigmáticas.

Com idéias apoiadas em Saussure, a noção de paradigma justificaria o fato de que, fora do discurso, as palavras apresentam algo em comum, seja o lexema, seja o gramema ou uma analogia em seus significados, podendo formar tantos campos associativos quantos forem as relações existentes entre eles.

Enfatizando o poder associativo que o elemento lingüístico evoca, diz Saussure⁸:

“Um termo dado é como o centro de uma constelação, o ponto para onde convergem outros termos coordenados cuja soma é indefinida”. (1975:146)

E acrescenta o mestre genebrino⁹:

“Uma palavra qualquer pode sempre evocar tudo quanto seja suscetível de ser-lhe associado de uma maneira ou de outra”. (1975:146)

Dessas considerações apresentadas, entende-se que a noção de **valor saussuriano** estaria ligada às formas lingüísticas do sistema com as quais estabelece relações. O valor assim descrito é uma potencialidade significativa que depende, ao mesmo tempo, da língua e do seu uso. Por participar do sistema é que uma palavra adquire uma significação, isto é, um valor.

Como se percebe, as idéias de Saussure já apontam em direção ao conceito de **campo**, já que ele se antecipa, de modo intuitivo, ao caráter paradigmático do léxico.

Por isso mesmo, Geckeler¹⁰, em suas observações, considera que: *“El gran lingüista ginebrino puede ser considerado como un precursor de la idea de campo”.* (1976:104)

O estudioso Leo Weisgerber¹¹, dando continuidade aos estudos iniciados por Trier, retomou a teoria, aprofundando-a. O referido Autor conceitua o campo lingüístico considerando que este abarca tanto os **campos léxicos** como também os **campos sintáticos**.

Observemos o conceito de campo lingüístico por ele apresentado:

“Un campo lingüístico es una sección de entremundo de la lengua materna, constituida por la totalidad de un grupo de signos lingüísticos que coopera en una articulación orgánica”. (Weisgerber, apud Geckeler, 1976:126)

Segundo ele, no âmbito da análise lingüística, os campos lexicais por ele assim denominados, aplicam-se ao conteúdo lingüístico; além de estudar a estruturação dos campos de forma teórica e prática, distingue dois níveis de articulação: os campos unidimensionais e os pluridimensionais, tendo em vista que a essência da língua é a verbalização lingüística do mundo.

O referido Autor¹² considera que:

“La maior importancia de la idea del campo es la de haber llegado a ser concepto metodológico central de la investigación aplicada al contenido lingüístico y, al mismo tiempo, la clave para el descubrimiento de una visión lingüística del mundo. La tarea fundamental de la lexicología aplicada al contenido está en la existencia y en la estructura de los campos léxicos existentes en una lengua”. (Weisgerber, apud Geckeler, 1976:127)

Fala ainda de três tipos de campos léxicos, que apresentam características distintas, segundo o seu domínio:

- Campos léxicos do domínio dos “fenômenos naturais”.
- Campos léxicos do domínio da “cultura material”.
- Campos léxicos do domínio “do espiritual”.

Dentre estes, os campos do **domínio espiritual** ocupam uma importante e especial posição.

Convém assinalar que a sua teoria fundiu-se com o pensamento desenvolvido por Trier, sendo divulgada numa concepção lingüística única denominada **Teoria Trier-Weisgerber**.

Para o lingüista Mário Vilela¹³,

“Weisgerber é não só o continuador de Trier, como teórico dos campos lexicais, como ainda o seu reformulador, ao enquadrar a teoria de Trier numa teoria lingüística mais completa, com mais precisão de doutrina e método e com maior clarificação terminológica”. (1979:46)

Weisgerber recebeu severas críticas, uma vez que sua concepção estava sombreada pela figura do **mosaico**, introduzida por Ipsen, na qual todos os investigadores da área se espelhavam para estudar os campos.

Segundo Geckeler, a questão da imagem do **mosaico**, estabelecida por G. Ipsen, na teoria dos campos, funciona como uma relação recíproca entre as unidades léxicas.

Observemos como Trier¹⁴ emprega a imagem que tomou de Ipsen:

“El lugar en el que [la palabra], rodeada por ellas [las vecinas] se sitúa como pequeña pieza dentro del grande mosaico de la capa de signos, determina su contenido; este lugar le asigna a la palabra qué parte del bloque total de los contenidos psíquicos en cuestión delimita y representa mediante el signo”. (Trier, apud Geckeler, 1976:167)

Entretanto, a bibliografia crítica sobre a teoria dos **campos** parece conduzir à conclusão de que a comparação do **mosaico** não corresponde à realidade da língua, salvo em casos particulares.

O lingüista S. Ulmann¹⁵, em suas análises sobre a figura do **mosaico**, assim se pronuncia:

“La nitidez con que las palabras se delimitam mutuamente y construyen una especie de mosaico, sin lagunas ni intersecciones, se ha exagerado extraordinariamente”. (Ulmann, apud Geckeler, 1976:168)

Na concepção do estudioso Gipper¹⁶, não se deve entender o termo **campo** como imagem no sentido de **mosaico de palavras**, mas como um campo em que as palavras não existem isoladamente, que entre elas há relações recíprocas. (Apud Geckeler, 1976: 169)

Coseriu¹⁷ avança na teoria, criando uma **tipologia de campos**, determinando o campo léxico dentro das estruturas lexemáticas como uma estrutura primária paradigmática. Neste caso, **paradigmática** significa que os lexemas que estão à disposição em um determinado lugar, formam um paradigma, um sistema de oposições.

Assim define o campo lexical:

“Un campo léxico es, desde el punto de vista estructural, un paradigma léxico que se origina por la distribución de un continuo de contenido léxico en diferentes

unidades, dadas en la lengua como palabras, que están recíprocamente en oposición inmediata mediante rasgos distintivos de contenido simples". (Coseriu, apud Geckeler, 1976:232)

Esta concepção de campo não se constitui numa oposição à teoria na linha Trier-Weisgerber, mas uma ampliação na linha estrutural que, segundo ele, era sustentada por bases intuitivas, enquanto esta se manifesta na introdução de uma terminologia coerente e, sobretudo, no emprego de um método que repousa em procedimentos lingüísticos.

Para ele, os conceitos fundamentais que pertencem ao **campo léxico** são: o lexema, o arquilexema e o sema. Os lexemas são membros que funcionam em um campo léxico, enquanto o arquilexema é uma unidade que corresponde a todo o conteúdo de um campo léxico.

Como se percebe, Coseriu reconhece um fundamento maior para uma tipologia de campos, uma prévia classificação das oposições lexemáticas.

G. Haensch¹⁸, em suas observações, sobre o assunto, chama as unidades léxicas, em geral, de **lexemas**, enquanto um lexema cujo conteúdo é idêntico a todo um campo léxico denomina de **arquilexema**. Entretanto, esse elemento, na concepção do estudioso Bernard Pottier, representa um **arquisemema**. (1982:340)

Enfim, as análises realizadas em torno da teoria dos campos demonstram as diferentes abordagens dadas à questão e os pontos divergentes entre os lingüístas constituem contribuições significativas para os estudos lexicais.

Do exposto, depreende-se que os **campos semânticos** de um léxico refletem a sociedade em que estão inseridos, fornecendo amplo material para estudos que envolvem a tríade **língua-cultura-sociedade**, isto é, numa perspectiva sócio-etnolingüística.

Notas Bibliográficas

- [1] REHFELDT, Gládis Knak. *Polissemia e campo semântico*: estudo aplicado aos verbos de movimento. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1980, p. 91.
- [2] ULMANN, Stephen. *Semântica*: uma introdução à ciência de significado. 4. ed., Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1964, p. 510-1.
- [3] TRIER, Jost, apud GECKELER, Horst. *Semântica estructural y teoría del campo léxico*: Madrid: Gredos, 1976, p. 113.
- [4] Idem, *ibidem*, p. 113.
- [5] NIDA, Eugene, apud REHFELDT, Gládis Knak, *op. cit.*, p. 91.
- [6] MATORÉ, Georges. *La méthode en lexicologie*. Paris: Didier, 1953, p. 37.
- [7] Idem, *ibidem*, p. 523.
- [8] SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 1975, p. 146.
- [9] Idem, *ibidem*, p. 146.
- [10] GECKELER, Horst, *op. cit.*, p. 104.
- [11] WEISGERBER, Leo, apud GECKELER, Horst, *op. cit.*, p. 126.
- [12] Idem, *ibidem*, p. 127.
- [13] VILELA, Mário. *Problemas da lexicologia e lexicografia*. Porto: Civilização, 1979, p. 46.

- [14] TRIER, Jost, apud GECKELER, Horst, *op. cit.*, p. 167.
- [15] ULMANN, Stephen, *op. cit.*, p. 168.
- [16] GIPPER, apud GECKELER, Horst, *op. cit.*, p. 169.
- [17] COSERIU, Eugênio, apud GECKELER, Horst, *op. cit.*, p. 232.
- [18] HAENSCH, G. et. al. *La lexicografía de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982, p. 340.